

**Exposições**

**Exhibitions**

**Galeria**

**Municipal do Porto**

---

**Eunice  
Pais**

**Comissões #1**

**Commissions #1**

**Mauro Cerqueira,  
Joana Escoval, Sara Graça,  
Catarina Miranda,  
Mariya Nesvyetaylo**

**Silvestre  
Pestana**

---

**14.03 — 28.06.2026**

**Eunice Pais**

**Pele do Mar**

**2**

**Sea Skin**

**12**

**Mauro Cerqueira,  
Joana Escoval,  
Sara Graça,  
Catarina Miranda,  
Mariya Nesvyetaylo**

**Comissões #1**

**18**

**Commissions #1**

**34**

**Silvestre Pestana**

**Colapso**

**48**

**Collapse**

**56**

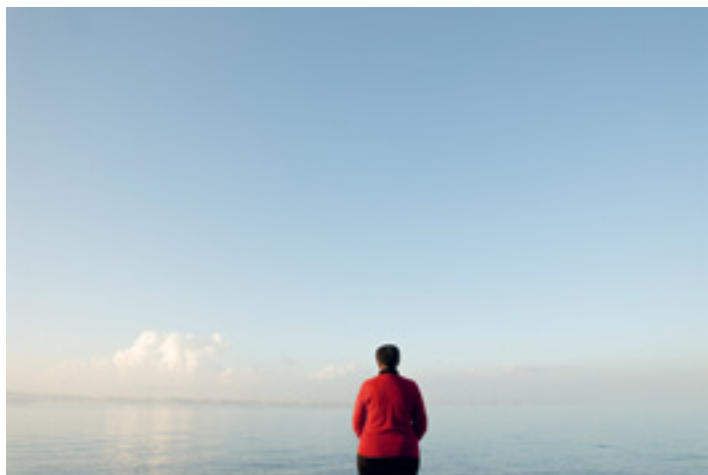
**14.03 — 07.06.2026**

# **Pele do Mar**

Curadoria **Patrícia Coelho**

# **Eunice Pais**

Em **Pele do Mar**, observamos corpos que não pertencem a uma única geografia; movem-se mar adentro, atravessam fronteiras e temporalidades. Na sua primeira exposição institucional, Eunice Pais propõe um espaço atento às relações interdependentes entre memória e ecossistema. Se, por um lado, assistimos à experiência fragmentada da travessia da sua mãe no filme *Rosa / Zita: Um Espaço Liminar*, por outro, e através da instalação *Do Mar de Sargaço*, refletimos sobre como espécies aquáticas podem propiciar outras possibilidades e futuros, capazes de difundir narrativas dissidentes. A partir de histórias que se cruzam e seres que se transformam, a artista luso-moçambicana convida-nos a imaginar a coexistência entre espécies e geografias como gesto de resistência coletiva.





# Do Mar de Sargaço

A margem chamou-nos à deriva.  
Chegamos enredadas em nós,  
com nomes que já não recordamos,  
histórias que sussurram a nossa chegada.

Trazemos o que o mar não consegue reter:  
sol impresso na pele,  
tempo solto através do corpo,  
o trabalho das correntes a dançar entre si.

Chegamos para lembrar (ou relembrar).

Aprendemos a sobreviver ao toque  
desfazendo-nos.

Parte de nós há-de secar.  
Parte de nós há-de regressar.  
Parte de nós será levado, medido  
e dado a um nome.

Dizemos isto em voz baixa —  
somos mais antigos do que as vossas divisões.

Dizemos isto devagar —  
sabemos de todos corpos entre as marés.

Dizemos isto  
porque o mar escuta.  
Nós escutamos.

Eunice Pais



Em **Pele do Mar**, Eunice Pais convoca diferentes legados para interrogar formas de coexistência entre espécies e geografias. Na sua primeira exposição em contexto institucional, vemos corpos que não pertencem a uma única geografia; movem-se mar adentro, atravessam fronteiras e temporalidades. O oceano aparece como uma massa líquida e profunda, onde habitam seres dissidentes que carregam histórias de resistência.

Através de duas obras, a artista propõe um espaço atento às relações interdependentes entre memória e ecossistema. Se, por um lado, observamos a experiência fragmentada da travessia da sua mãe no filme *Rosa / Zita: Um Espaço Liminar*, por outro, na instalação *Do Mar de Sargaço* refletimos sobre como espécies aquáticas podem propiciar outras possibilidades e futuros.

*Rosa / Zita: Um Espaço Liminar* é uma obra simultaneamente autobiográfica e ficcional. Através de uma viagem entre Marroneu, em Moçambique, e o Barreiro e a Apúlia, em Portugal, Eunice Pais documenta as paisagens que habita, efabulando, através de perspetivas afetivas, os estados de suspensão que atravessam esses lugares. Partilha uma história de dor e amor, retratando a ligação da artista a um território que nunca conheceu, mas ao qual a sua mãe pertenceu. Rosa e Zita habitam o mesmo corpo, mas continentes diferentes.

Realizado ao longo de três anos e apresentado pela primeira vez nesta exposição, este filme é um arquivo vivo sobre migração e invisibilidade, que propõe uma narrativa não-linear. Entre Moçambique e Portugal, Rosa e Zita movem-se entre identidades que permanecem entrelaçadas pela distância e pela saudade. Ao longo de três capítulos, a artista expande a travessia geográfica da sua mãe para questionar: *Quantas Zitas deixaste em Moçambique para seres a Rosa em Portugal?*

No primeiro capítulo, *Separação*, escutamos as palavras escritas para Zita, pelo seu pai, e para Rosa, pela sua filha. Momentos de afeto e de luto entrelaçam-se numa mesma história.

No segundo capítulo, *Transição*, planos aproximados ilustram a repetição de gestos e tarefas. O registo quotidiano da domesticidade revela o que é esperado de Rosa enquanto mulher, mãe e cuidadora. Mas é também neste espaço que a protagonista se permite à dissidência e, por breves momentos, assistimos à espontaneidade da dança de Zita. Com este gesto, a artista expande as convenções do espaço doméstico, demonstrando como também pode ser um lugar de liberdade e rebeldia.

No terceiro e último capítulo, *Retorno*, recusa-se a ideia de regresso como resolução. Oscilando entre tensão e alegria, Eunice Pais reescreve memórias e revisita arquivos, regressando ao mar, um lugar onde a sua mãe — Rosa e Zita — pode coexistir. No final, planos alternados da paisagem da Apúlia e do Barreiro, da artista e de sua mãe, cruzam-se com imagens do sargaço, enquadrando esta espécie marítima como um corpo migratório.

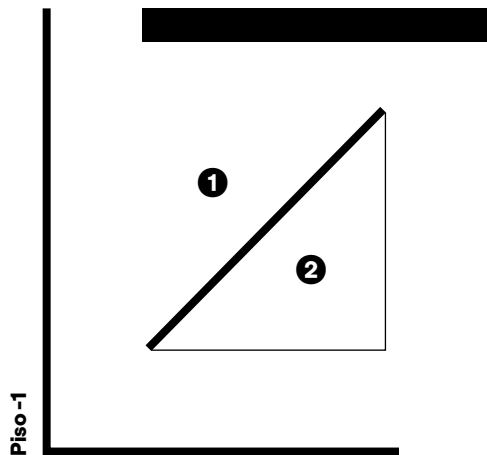
Na região do oceano Atlântico Norte existe um mar de sargaço. Esta alga marinha, apelidada por cientistas de “monstro oceânico”, é frequentemente enquadrada como uma ameaça para muitos ecossistemas, fora do controlo humano. As alterações climáticas e a poluição crescente modificaram a sua composição e aumentaram o seu tamanho. O sargaço, cujo ciclo migratório oscila entre a profundidade e a superfície, a visibilidade e invisibilidade, regressa todos os anos à Apúlia, mas nunca do mesmo modo. A cada retorno surge maior e parece trazer consigo uma consciência diferente, reflexo das mudanças do mundo. Adotando uma postura de escuta atenta e relacional desta espécie, Eunice Pais desenvolve a instalação *Do Mar de Sargaço*, composta por esculturas e uma paisagem sonora, para ficcionar a travessia marítima que caracteriza o processo migratório do sargaço.

Partindo de uma investigação sobre o ritual da apanha do sargaço na Apúlia, a obra centra-se nas relações de dependência das comunidades costeiras em relação ao oceano. Neste lugar, onde Eunice Pais agora vive, mulheres sargaceiras habitam a paisagem e desempenham um papel preponderante na recolha do sargaço. Devido às valências desta alga como fertilizante natural, a sua utilização na agricultura de subsistência levou as comunidades sargaceiras a criar um vínculo com esta espécie. Regido por equinócios e mareadas, o ritual da apanha é vital para esta paisagem e para a sua comunidade.

Nesta instalação, a artista imagina o sargaço como uma entidade dialogante que transporta saberes milenares, recuperando relações antigas entre comunidades humanas e o mundo aquático. A paisagem sonora revela um poema escrito por Eunice Pais e traduzido para Cisena, a língua materna de sua mãe, a partir do qual a artista ficciona uma língua do futuro, que resiste ao vernáculo português e vai para além das heranças coloniais.

Em **Pele do Mar** mergulhamos em histórias sobre travessias que se contaminam e seres que se transformam, onde não existem identidades, territórios ou paisagens isoladas. Eunice Pais entrelaça corpos migrantes, rituais ancestrais e linguagens especulativas e convida-nos a imaginar a coexistência coletiva como gesto de resistência.

Patrícia Coelho



❶

**Rosa / Zita:**

**Um Espaço Liminar**

2024-2026

Vídeo HD, som, 17' (aprox.)

❷

**Do Mar de Sargaço**

2026

Instalação composta por  
esculturas em alumínio e  
paisagem sonora em loop

Dimensões variáveis



© Eunice Pais

### **Eunice Pais**

Eunice Pais é uma artista luso-moçambicana que trabalha com vídeo, fotografia, som e escultura. A sua prática investiga visibilidade e invisibilidade, ecologia, memória e trabalho como estratégias dissidentes e contracoloniais, operando em enquadramentos especulativos e da pós-natureza. O seu trabalho valoriza a opacidade e a porosidade, ativando gestos de repetição, contaminação e transformação material. Expõe internacionalmente desde 2023.

---

**Programa Público**

14.03.2026 — 17:00

**Inauguração**

28.03.2026 — 15:00

**Visita guiada à exposição**

com a artista Eunice Pais

11.04.2026 — 10:00 — Sessão para famílias

**Bestiários de macroalgas & outros seres**

com Seaghosts

Sessões para escolas e grupos organizados  
mediante agendamento

30.05.2026 — 10:30

**Caminhada pelas paisagens do sargaço na Apúlia**

com o antropólogo Álvaro Campelo

e a artista Eunice Pais

**Visitas guiadas às exposições**

04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026

15:00 (PT), 16:00 (EN)

Visitas para escolas e grupos organizados  
mediante agendamento

**14.03 — 07.06.2026**

**Sea Skin**

Curated by **Patrícia Coelho**

**Eunice  
Pais**

In **Sea Skin**, we encounter bodies that do not belong to a single geography but rather move into the sea, crossing borders and temporalities. In her first institutional exhibition, Eunice Pais proposes a space that is attentive to the interdependent relationships between memory and ecosystems. On one hand, we witness the fragmented experience of her mother's crossing in the film *Rosa / Zita: A Liminal Space*; on the other, the installation *From the Sargasso Sea* prompts us to reflect on how aquatic species can open up possible futures, capable of disseminating dissident narratives. Drawing on stories of crossings that contaminate one another and beings that transform, the Luso-Mozambican artist invites us to imagine coexistence between species and geographies as a gesture of collective resistance.

## From the Sargasso Sea

The shore called us adrift.

We arrived tangled in ourselves,  
with names we no longer remember,  
with stories that whisper our coming.

We carry what the sea cannot hold:  
sun pressed into the skin,  
time loosened through the body,  
the labor of currents dancing among  
themselves.

We arrive to remember  
(or to re-remember).

We learned to survive touch  
by undoing ourselves.

Part of us will dry.  
Part of us will return.  
Part of us will be taken, measured,  
and given a name.

We say this in a low voice —  
we are older than your divisions.

We say this slowly —  
we know every body between the tides.

We say this  
because the sea listens.

We listen.

Eunice Pais

In *Sea Skin*, Eunice Pais summons different legacies to question forms of coexistence between species and geographies. Her first institutional exhibition presents us with bodies that do not belong to a single geography but rather move into the sea, crossing borders and temporalities. The ocean here appears as a deep, liquid mass inhabited by dissident beings who carry histories of resistance.

Through two works, the artist proposes a space that is attentive to the interdependent relationships between memory and ecosystems. On one hand, we witness the fragmented experience of her mother's crossing in the film *Rosa / Zita: A Liminal Space*; on the other, the installation *From the Sargasso Sea* prompts us to reflect on how aquatic species may enable other possibilities and futures.

*Rosa / Zita: A Liminal Space* is simultaneously autobiographical and fictional. Through a journey between Marromeu, Mozambique, and Barreiro and Apúlia, Portugal, Eunice Pais documents the landscapes she inhabits, fabulating, through affective perspectives, the states of suspension that cross these places. The artist shares a story of pain and love, portraying her connection to a territory she never knew, yet to which her mother once belonged. Rosa and Zita inhabit the same body, but different continents.

Created over the course of three years and presented here for the first time, this film is a living archive of migration and invisibility and presents a non-linear narrative. Between Mozambique and Portugal, Rosa and Zita move through different identities that are intertwined by distance and longing. Across three chapters, the artist expands her mother's geographical crossing to ask: "How many Zitas did you leave behind in Mozambique in order to become Rosa in Portugal?"

In the first chapter, *Separation*, we hear words written for Zita by her father and for Rosa by her daughter. Moments of affection and mourning intertwine within a single story.

Close-up shots illustrate the repetition of gestures and tasks in the second chapter, *Transition*. The everyday record of domesticity here reveals what is expected of Rosa as a woman, mother, and caregiver. Yet the protagonist allows herself to dissent within this space, too, and for brief moments we witness the spontaneity of Zita's dance. Through this gesture, the artist expands the conventions of the domestic sphere, demonstrating its potential for freedom and rebellion.

The third and final chapter, *Return*, refuses the idea of return as a form of resolution. Oscillating between tension and joy, Eunice Pais rewrites memories and revisits archives, returning to the sea — a place where the mother, both Rosa and Zita, can coexist. In the end, alternating shots of the landscapes of Apúlia and Barreiro, and of the artist and her mother, intersect with images of sargassum, framing this marine species as a migratory body.

In the North Atlantic Ocean there is a sea of sargassum. This marine algae, described by scientists as an “oceanic monster” that humans cannot control, is often framed as a threat to many ecosystems. Climate change and increasing pollution have altered its composition and expanded its scale. Sargassum, whose migratory cycle oscillates between depth and surface, visibility and invisibility, returns every year to Apúlia, yet never in the same way. With each return it appears larger, carrying a different kind of awareness, reflecting transformations of the wider world. Adopting a posture of attentive and relational listening toward this species, Eunice Pais develops *From the Sargasso Sea*,

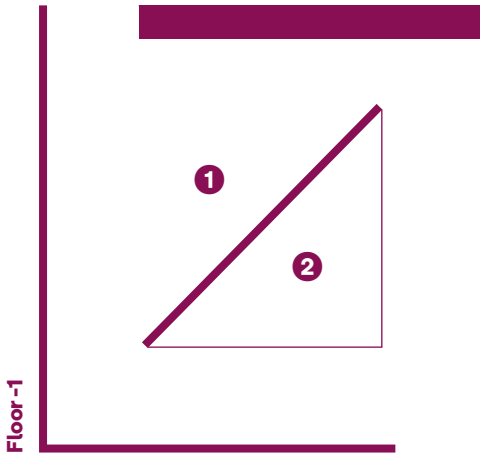
an installation composed of sculptures and a soundscape that fictionalises the maritime crossing characteristic of the seaweed's migratory process.

Drawing on research into sargassum-gathering rituals in Apúlia, the work centres on the dependent relationships between coastal communities and the ocean. In Apúlia, where Eunice Pais now lives, the *sargaceiras* (women who harvest sargassum) who inhabit the landscape play a central role in collecting seaweed. The alga's value as a natural fertiliser and its use in subsistence agriculture led these communities to form a lasting bond with it. Governed by equinoxes and tidal rhythms, the ritual of gathering is vital to this landscape and to its community.

In this installation, the artist imagines sargassum as an entity that is not only capable of dialogue but carries ancient knowledge, allowing us to recover ancient connections between human communities and the aquatic world. The soundscape features a poem by Eunice Pais translated into Cisená, her mother's native language, in which the artist imagines a future language that resists Portuguese vernacular and moves beyond colonial inheritances.

**Sea Skin** immerses us in a narrative where beings transform and crossings contaminate one another. In these stories, identities, territories, and landscapes are never isolated. Eunice Pais interlaces migratory bodies, ancestral rituals, and speculative languages, inviting us to imagine collective coexistence as an act of resistance.

Patrícia Coelho



**1**  
**Rosa / Zita:**  
**A Liminal Space**  
2024–2026  
HD video, sound, 17' (approx.)

**2**  
**From the Sargasso Sea**  
2026  
Installation consisting of  
aluminium sculptures  
and soundscape in loop  
Variable dimensions

### **Eunice Pais**

Eunice Pais is a Luso-Mozambican artist working across video, photography, sound, and sculpture. Her practice investigates visibility and invisibility, ecology, memory, and labour as dissident and counter-colonial strategies, operating within speculative and post-nature frameworks. Her work values opacity and porosity, activating gestures of repetition, contamination, and material transformation. She has been exhibiting internationally since 2023.

**Public programme**

14.03.2026 — 17:00

**Opening**

28.03.2026 — 15:00

**Guided exhibition tour**

with artist Eunice Pais

11.04.2026 — 10:00 — Session for families

**Bestiary of macroalgae & other beings**

with Seaghosts

Sessions for schools and organised groups  
by appointment

30.05.2026 — 10:30

**Walk through the sargasso landscapes of Apúlia**

with anthropologist Álvaro Campelo

and artist Eunice Pais

**Guided tours**

04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026

15:00 (PT), 16:00 (EN)

Sessions for schools and organised groups  
by appointment

**14.03 — 14.06.2026**

# **Comissões #1**

Curadoria **João Laia** e **João Terras**

**Mauro Cerqueira**  
**Joana Escoval**  
**Sara Graça**  
**Catarina Miranda**  
**Mariya Nesvyetaylo**

**Comissões** é uma nova iniciativa da Galeria Municipal do Porto que apoia a criação de obras inéditas. Nesta primeira edição reúnem-se cinco artistas — **Mauro Cerqueira, Joana Escoval, Sara Graça, Catarina Miranda, Mariya Nesvyetaylo**. Estas novas criações surgem de lugares de desejo e de novas experimentações dentro das práticas de cada um destes artistas. Catarina Miranda, figura associada à dança contemporânea, traz o movimento coreográfico para o interior da galeria e apresenta uma instalação que ecoa o universo das suas criações de palco. Mauro Cerqueira regressa ao desenho e expõe uma série relacionada com o seu novo projeto cinematográfico. Sara Graça aventura-se pela primeira vez na produção de um filme construído com uma comunidade de artistas. Joana Escoval mostra uma paisagem sonora e visual a partir de um livro-objeto. Mariya Nesvyetaylo constrói um lugar de imersão multissensorial para a observação e introspeção coletivas. Reunindo diferentes gerações, linguagens e contextos, **Comissões** propõe um olhar seletivo sobre diferentes formas que configuram a criação artística e compõem a cena nacional de arte contemporânea.



1. Mauro Cerqueira  
© Babi Badalov
2. Joana Escoval  
© Guillaume Vieira
3. Sara Graça  
© Elisa Azevedo
4. Catarina Miranda  
© Vera Marmelo
4. Mariya Nesvyetaylo  
© Carolina Ribeiro



**Comissões** é uma sequência do projeto *Panorama da Arte Contemporânea Portuguesa*, apresentado na Galeria Municipal do Porto em 2025. Complementares em essência, ambas as iniciativas surgem da vontade de auscultar o território e a comunidade artística, apresentando, em anos intercalados, recortes da produção contemporânea que emerge a partir de Portugal. Se o *Panorama da Arte Contemporânea* materializou uma exposição coletiva como recorte de um diálogo mais amplo entre artistas e curadores, *Comissões* abre um novo espaço de pesquisa focado na criação.

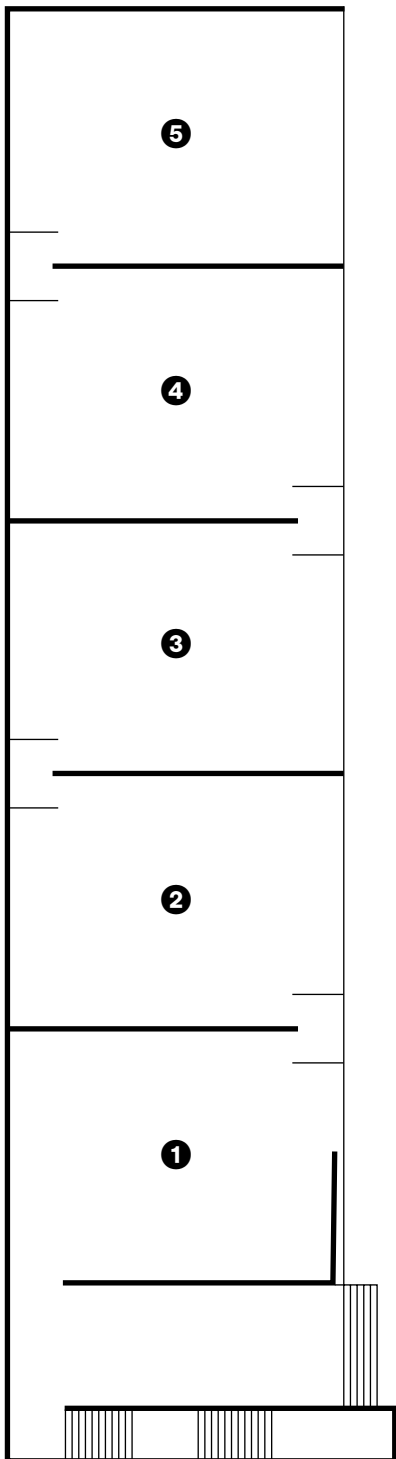
*Panorama* mapeia, *Comissões* revela, sublinhando o lugar da experimentação e da imprevisibilidade no interior da prática artística e institucional. Com atividade dentro e fora do país, os artistas desta primeira edição ecoam diferentes modalidades da produção artística contemporânea: indefinida e porosa em relação a categorias. Simbioses entre criações de palco e performativas, o cinema e imagem em movimento, a música e o som, a palavra e o desenho.

Catarina Miranda revela um lugar híbrido — entre o palco e a instalação concebida para o espaço de galeria — em contraciclo com a efemeridade ou ausência do movimento da dança, que aqui convoca com objetos, sons e imagens. Mauro Cerqueira apresenta uma série de desenhos produzidos num tempo intermédio, entre o esboço e a materialização do seu novo projeto cinematográfico. Sara Graça convida uma comunidade de artistas para a produção do seu primeiro filme, fragmentando o poder autoral da obra. Joana Escoval escolhe apresentar um livro, escrito por si e nunca publicado, colocando a potência da palavra poética no centro de uma instalação coreografada por um corpo ausente. Mariya Nesvyetaylo constrói um observatório de grande escala, concebido para a introspeção coletiva imersa no imaginário da artista.

De forma cirúrgica e esquemática, o espaço é configurado através de um esquema que fragmenta a galeria em cinco salas de exposição autónomas. Ao autonomizar cada projeto, a arquitetura da exposição confunde a sua lógica coletiva. Sala após sala, o público é convidado a deambular por entre diferentes universos, transitando entre contextos e imaginários distintos.

João Laia e João Terras

Piso 0



**1**  
**Catarina Miranda,**  
**PASSARRO SOL**  
2026

**2**  
**Mauro Cerqueira**  
**Muitas línguas**  
2025–2026

**3**  
**Sara Graça**  
**Kiki**  
2026

**4**  
**Joana Escoval**  
**O pH das lágrimas**  
2026

**5**  
**Mariya Nesvyetaylo**  
**Observatório**  
2026

## 1

**Catarina Miranda**

Com *PÁSSARO SOL*, Catarina Miranda dá continuidade ao trabalho de investigação que tem vindo a realizar, transitando da dança, ao vivo e em palco, para uma instalação pensada para o espaço de galeria. Partindo da *Alegoria da Caverna* de Platão, esta nova criação observa como dinâmicas de percepção, engano e transmissão moldam a experiência humana contemporânea.

Concebida como um simulacro, a instalação configura-se como um lugar ficcional de formas e sombras onde é possível experienciar o interior e, simultaneamente, observar o cume exterior de uma montanha-labirinto. Através da manipulação dos sentidos, a artista questiona as fronteiras entre o real e o imaginário, convidando a uma reflexão sobre como a realidade é entendida nos planos individuais e coletivos. Esta dimensão lúdica resulta da combinação de artifícios técnicos e cénicos, traduzidos na sobreposição de sombras, na distorção de cores, na espacialização do som de aves e nas imagens de corpos em movimento que parecem dançar sobre as superfícies. O trabalho convoca referências como o *Teatro do Horror* de Oscar Méténier e o *Teatro do Absurdo* de Samuel Beckett, os gestos icónicos da dança de Pina Bausch e as figuras dos bailarinos de *A Dança* de Henri Matisse. *PÁSSARO SOL* é um lugar de permanência no imaginário de Catarina Miranda, consolidado ao longo da investigação da artista em torno dos seus mais recentes trabalhos de palco, *ATSUMOJI* (2025) e *FARSA* (2026).

**PÁSSARO SOL**

2026

Instalação composta por superfícies coloridas de fibra de vidro, projeções de vídeo e luz, som multicanal  
Dimensões variáveis

**Colaborações, equipas e apoios técnicos**

Arquitetura e Construtores de Paisagens:

Colectivo Febre

— André Pipa,

Gui Silvestre,

Noah Leijssen

Apoio à Criação:

João Brojo,

Jonathan Saldanha

Sonoplastia:

Jonathan Saldanha

Espacialização Sonora:

José Arantes

Iluminação:

Catarina Miranda,

João Brojo,

João Ferreira

Câmara:

João Brojo

Edição Vídeo:

Catarina Miranda

Produção Executiva:

João Brojo

Produção Administrativa:

Teresa Camarinha/RÁRA

Cedência de peças filmadas:

Calau Rinoceronte — Museu das

Convergências/Coleção Távora

Sequeira Pinto

Cortesia:

Artista

2

## Mauro Cerqueira

## Muitas línguas

2025–2026

Desenhos em tinta sobre papel

41 × 48 cm cada

Cortesia:

Artista e Galeria Nuno Centeno

Produzida entre Nova Iorque e o Porto, a série de desenhos nasce durante a preparação do próximo filme do artista em torno do imaginário do realizador alemão Rainer Werner Fassbinder. Após a produção do filme *Sono Pasolini*, centrado na figura do realizador italiano Pier Paolo Pasolini, o filme dedicado a Fassbinder termina uma trilogia que teve início com *O Suor do Deserto*, baseado na vida do poeta francês Jean Genet.

São muitos os pontos em comum entre Fassbinder, Pasolini e Genet: a forma como abordaram a sociedade na convalescença traumática do pós-guerra, cada um a partir da sua geografia e do olhar que lançam sobre ideias de classe, sexualidade, etnia, cultura ou religião. É na esteira do pensamento de figuras como estas que Mauro Cerqueira persegue possibilidades de esperança, enquanto documenta e reflete sobre o presente. Situados como imagens entre filmes, o conjunto de desenhos propõe uma série de narrativas que descrevem uma multiplicidade de mundos. Ao recorrer ao desenho, Mauro Cerqueira volta a um lugar seminal da sua prática. O traço parece acompanhar a velocidade do pensamento, funcionando como marca, encontro e depositário de diferentes imaginários e tempos. Os desenhos projetam um filme por vir, mas existem enquanto objetos autónomos onde encontramos, em simultâneo, as personagens de Fassbinder, os lugares de Pasolini e as palavras de Genet, aglutinados por outros signos constantes no universo do artista: as mãos, as lágrimas, ou a faca.



## Sara Graça

O trabalho de Sara Graça está intrinsecamente ligado às relações que estabelece com o seu quotidiano e com aqueles que a rodeiam. Trata-se de uma comunidade alargada, de pessoas e lugares, habitados por figuras de diversas áreas, das artes visuais à música e associadas a contextos alternativos. Da fotografia, ao vídeo, passando pela escultura ou desenho, os trabalhos de Graça surgem como revelações, simultaneamente biográficas e especulativas. É desta particularidade da sua prática que chegamos a *Kiki*, o seu primeiro filme. *Kiki* é a personagem principal e protagonista de um objeto composto por doze partes, realizado por seis artistas convidados: Aysha Leach, Chloée Maugile, Claudia Lancaster, Ivan Robirosa, Jack Fanciulli e Middleton Maddocks. Cada um produziu duas partes, entre três a sete minutos, seguindo um guião com instruções para o desenvolvimento de uma narrativa para *Kiki*, que permite, no final, unir todas as partes numa só. Para além de *Kiki* há outra personagem que atravessa todo o filme: Angel. Sem género ou pronomes definidos, *Kiki* e Angel possuem características específicas: *Kiki* gosta de contemplar coisas que lhe parecem belas; Angel vive uma paixão não correspondida. *Kiki* coloca Sara Graça numa condição limite: um filme realizado a muitas mãos, estruturado segundo um dispositivo em pirâmide, onde o controlo sobre as narrativas individuais é deliberadamente diluído na expectativa de uma construção comum.

## Kiki 2026

Vídeo digital, som estéreo, 65'

### Realização e argumento:

Sara Graça, Aysha Leach,  
Chloée Maugile, Claudia Lancaster,  
Ivan Robirosa, Jack Fanciulli,  
Middleton Maddocks

### Câmara:

Claudia Lancaster, Ivan Robirosa,  
Middleton Maddocks, Aysha  
Leach, Seamus O'Carroll, Cian Ó  
Donnchadha, Chloée Maugile

### Edição:

Laura Gama Martins, Ivan Robirosa,  
Middleton Maddocks, Aysha Leach,  
Cian Ó Donnchadha, Jack Fanciulli,  
Chloée Maugile, Sara Graça

### Sonoplastia:

Stanlisnav Iordanov

## Elenco

### Kiki:

João Dória, Grace Black, Saul Smith,  
Matt Voor, Farah Corrigan, Ly Hagan,  
Abella D'adamo, Gretchen Lawrence

### Angel:

Lydia Östberg Diakité, Ivan Robirosa,  
Emily Mackenzie, Micaela Koenig  
Drouet, Jessica Panchi-Pacheco,  
Liam Gorman, Nanaia Maloney

### Crush de Angel:

Maria Quintas, Kitty Tucker

### Pessoa beijada por Kiki:

Claudia Lancaster

### Par romântico no café:

Maria Reis, Tomé Silva

### Par romântico na rua:

Renato Chorão, Ricardo Branco

### Par romântico de Kiki:

Sandro Silva

### Jonas:

Jack Case

### Eff:

Seán Being

### Louise:

Aimée Hornby

**Fotografia:**

Chunika Kesh  
Pessoa amiga de Kiki:  
Edith Liben  
Responsável pelo cão (Toby):  
Toby Mott  
Peter (cão):  
Gracie Fleishman  
Caveh (no restaurante):  
Caveh Zahedi  
Pessoa que serve no restaurante:  
Sammy  
Pessoa que canta no restaurante:  
Dani Luv  
Casal a jogar xadrez:  
Dawi Moxon, Lydia Mckimm  
Dupla de pianistas:  
Freddy Gilmore & Connie Solari  
Pessoa que patina no gelo 1:  
Ella Soni  
Pessoa que patina no gelo 2:  
Dash Cummins  
Artista de rua:  
Jack Fanciulli  
Pessoa ao volante:  
Colm O'Rourke, Chelsea Young

**Créditos musicais**

Jump over Barrels:  
Crash Course in Science  
(Cover) My way:  
Frank Sinatra  
Layne:  
Rabu Mazda  
Where you are:  
Jack Fanciulli  
Reach The Stars:  
Jack Fanciulli  
(Cover) Die Young:  
Kesha  
Misery Train:  
Suicide  
Diamonds, Fur Coat, Champagne:  
Suicide  
(Cover em alemão) Yesterday:  
The Beatles  
Sweetdreams:  
Miss Kitten & The Hacker  
Field recordings around New York City:  
Chloée Maugile  
More:  
Tiberius B  
  
Cortesia:  
Artista

4

**Joana Escoval**

*O pH das lágrimas* é o título de um livro não publicado, escrito por Joana Escoval, num período em que a escrita era a única forma de criação ao seu alcance. Um conjunto de poemas, a que a artista chama “episódios”, narra o exterior, o interior, e reivindica lugares de sonho e desejo. Existe um sentido diarístico nesta escrita, que rompe com o objetivo de demarcar o tempo linear, utilizado como campo de reflexão sobre transições cíclicas. Embora possa ser paginado, o livro não existe enquanto objeto: na instalação, a ação do ar parece intervir e dispersar as páginas pelo espaço.

O tempo torna-se elemento determinante e o lugar minimalista que a instalação constitui, isola o espectador num aparente vazio ocupado por ondas sonoras: o batimento de um dos maiores corações entre os mamíferos terrestres, o cavalo, que marca o ritmo de um evento biológico.

Em *O pH das lágrimas*, Escoval experimenta uma nova linguagem, encontra na poesia possibilidades de especulação e temporalidade cósmica que habitualmente explora através das propriedades escultóricas e psicológicas do som. Escoval encena um ambiente em que diferentes materialidades, visíveis e invisíveis, produzem quebras na percepção da realidade.

**O pH das lágrimas**

2026

Instalação composta por texto, impressão UV, metal lacado e gravação de campo do batimento cardíaco de um cavalo; sistema de som monoaural

Dimensões variáveis

Cortesia:

Artista

## Mariya Nesvyetaylo

Esta instalação imersiva de Mariya Nesvyetaylo nasce da sua vontade de transformar o espaço de exposição num lugar coletivo de contemplação. O exterior deste *Observatório* é constituído utilizando tecido de um balão de ar quente, convocando a simbologia deste transporte, conhecido por oferecer novas perspetivas de observação. No interior desta estrutura, a artista cria um espaço cuidadosamente desenhado para a introspeção, convidando-nos a mergulhar no seu imaginário. Somos recebidos por um tríptico de tapeçarias onde uma paisagem central é ladeada por duas imagens de cavalos. A escultura de repouso, intitulada o *Ninho*, transmite vibrações de uma paisagem sonora, relacionando som e imagem através de uma experiência sensorial expandida. A escolha da tapeçaria é significativa: historicamente associada a contextos domésticos e à transmissão cultural, este suporte aproxima a pintura de uma dimensão funcional e coletiva, onde imagem e quotidiano se entrelaçam. Desafiando os códigos de interação entre obra e espectador, *Observatório* questiona as normas habituais dos espaços expositivos. A instalação é resultado de uma partilha de gestos, saberes e temporalidades, reforçando a dimensão relacional que atravessa o modo de operar de Mariya Nesvyetaylo. Esta obra agora existe como um gesto de ternura radical, um impulso em refutar lógicas pré-estabelecidas, criando uma arquitetura acolhedora e reservada, onde a desaceleração, a introspeção e outras visões e modos coletivos de estar no mundo podem ser experienciados.

## Observatório 2026

### Cúpula

Instalação com balão de ar quente, pirâmide de ferro, alcatifa  
7.5 × 15 × 10 m (aprox.)

### Paladino<sup>6</sup>

Tapeçaria em tufting  
Lã merino, lã acrílica, lona de algodão  
167 × 210 cm

### O Centro

Tapeçaria em tufting  
Lã merino, lã acrílica, lona de algodão  
245 × 180 cm

### Paladino<sup>7</sup>

Tapeçaria em tufting  
Lã merino, lã acrílica, lona de algodão  
166 × 210 cm

### Ninho

Móvel tipo sofá munido de excitador de superfície  
250 × 230 × 85 cm

### Citrinitas

Banda sonora,  
loop, 60' (aprox.)

Produção musical:

Henrique Apolinário

Desenho técnico e construção das estruturas (pirâmide e Ninho):

Colectivo Febre

Assistente:

Nico Bracci

Planeamento 3D:

João Parra

Cortesia:

Artista

### Catarina Miranda

Catarina Miranda é artista e coreógrafa. O seu trabalho desenvolve-se a partir de discursos ficcionais e de materialidades expandidas, onde dança, voz, cenografia e luz se interceptam para abordar o corpo como veículo de transformação hipnagógica e de presença sensorial. A sua prática cruza artes cénicas e visuais, construindo sistemas que operam entre imagem, vibração e narrativa. Do seu percurso destacam-se as peças de dança *Atsumori*, *Cabraçimera*, *Dream is the Dreamer* e as instalações *Poromechanics* e *Mountain Mouth*, apresentadas em instituições como o Centre Pompidou (Paris), Palais de Tokyo (Paris), Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), Fundação de Serralves (Porto), Teatro Municipal do Porto — Rivoli, Dance Box (Kobe, Japão), e em festivais como DDD – Dias da Dança, Pays de Danses (Liège, Bélgica), Short Theatre (Roma), Africologne (Colónia), Mindelact (Mindelo, Cabo Verde), Festival Walk&Talk (Açores) e Fabrik Festival (Fall River, EUA).

---

### Mauro Cerqueira

Mauro Cerqueira é artista e licenciou-se em Artes Plásticas — Desenho na Escola Superior Artística do Porto, na extensão de Guimarães. A sua prática artística é produzida numa constelação de relações, a partir do trabalho referencial de outros artistas e com outros artistas. A sua obra recorre a múltiplas formas e formatos — desenho, escultura, pintura e vídeo — e o seu investimento poético concentra-se no interesse por histórias paralelas e marginais, acontecimentos mitificados, rumores e especulações, entendidos como veículos alternativos de relação com o presente. O seu trabalho foi apresentado na Galeria Nuno Centeno (Porto), Institute for New Connotative Action (Seattle), Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto), Künstlerhaus Bethanien (Berlim), Kunsthalle Lissabon (Lisbon), Kunsthalle Friart Fribourg (Suíça), La Galerie — Centre d'Art Contemporain de Noisy-Le-Sec (Paris), Galeria Heinrich Ehrhardt (Madrid), entre outros. Em 2008 fundou, com André Sousa, o projeto Uma Certa Falta de Coerência.

---

### Sara Graça

Sara Graça é artista plástica interdisciplinar e interessa-se por estados de vulnerabilidade e curiosidade. Estudou Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e, desde 2024, frequenta o mestrado em Artes Plásticas na Goldsmiths, University of London. Tem apresentado o seu trabalho em espaços como Mala (Lisboa), Sismógrafo (Porto), Uma Certa Falta de Coerência (Porto), Casa de São Roque (Porto), Galeria Solar (Vila do Conde), Quadrum (Lisboa), Cultugest (Lisboa) entre outros, e pertence ao grupo de performance visual-musical Toda Matéria com Maria Reis e Joana da Conceição.

---

### **Joana Escoval**

Joana Escoval é artista e estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e na Accademia di Belle Arti di Firenze, em Itália. A sua prática artística multidisciplinar circunscreve-se ao aural e ao visual, sob a forma de escultura, instalação, performance-promenade, vídeo, pintura e publicações. A fluidez dos elementos e materiais, que transportam consigo cargas e vibrações dos estados primários e transitórios da matéria, está no centro da sua pesquisa, não só como uma expansão dos aspetos ambientais, mas também enquanto sistema energético dos corpos vital e físico. Explorando o som como portador, o seu trabalho convida à reflexão sobre a conexão com os campos de energia invisíveis no âmbito de novas práticas sociais. Desde 2010 expõe regularmente em exposições coletivas e individuais, tendo apresentado o seu trabalho em instituições nacionais e internacionais como Museu Coleção Berardo (Lisboa), CIAJG (Guimarães), Galeria Municipal do Porto, La Casa Encendida (Madrid), La Criée Centre d'Art Contemporain (Rennes), Kunsthalle Lissabon (Lisboa) e Kunsthalle Tropical (Islândia).

---

### **Mariya Nesvyyetaylo**

Mariya Nesvyyetaylo é artista e estudou Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, complementando os seus estudos na Sheffield Hallam University, Reino Unido. No período que se seguiu, organizou eventos de cruzamento disciplinar com o colectivo FENDA e participou ativamente, como artista, performer e música, nos circuitos underground do Porto. A sua prática explora diferentes meios, como a pintura, vídeo e técnicas de impressão, assim como o som, em projetos como Indri, Em Xame e Chupacabras. Nos últimos anos, tem vindo a trabalhar a dimensão táctil do têxtil através do seu projecto Albarda Besta, com tapeçaria e costura. Vive atualmente no Norte do país, onde é membro fundador do coletivo cultural Acendalha (2020) e da editora musical e estúdio MURZ (2025).

---

**Programa Público**

14.03.2026 — 17:00

**Inauguração**

15.03.2026 — 16:00

**Visita Guiada**

com artistas e curadores

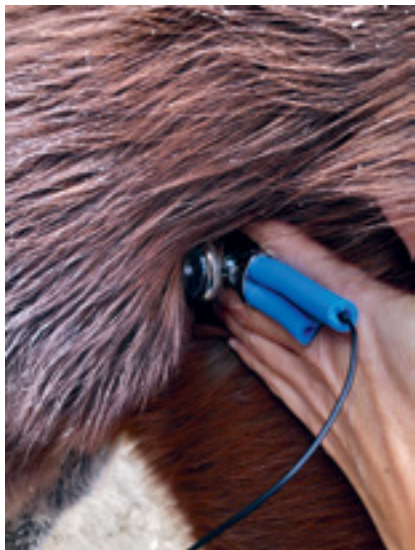
**Visitas Guiadas**

04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026

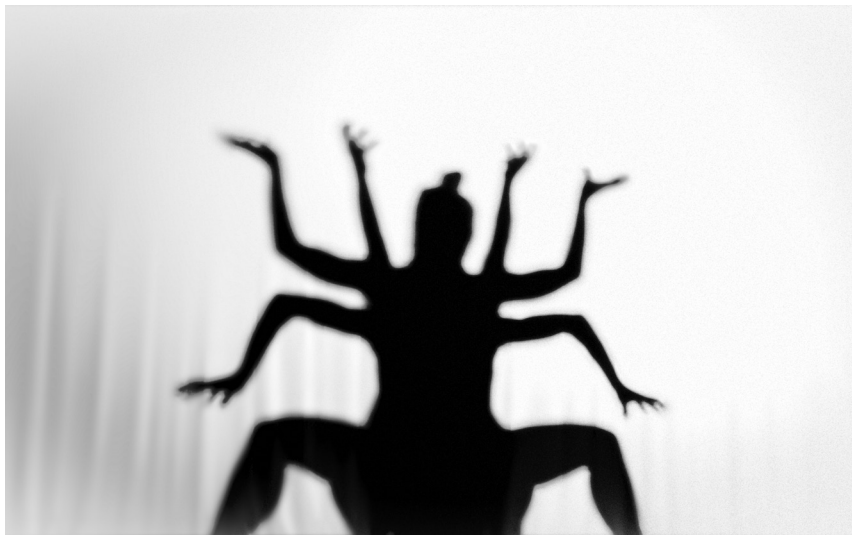
15:00 (PT), 16:00 (EN)

Sessões para escolas mediante agendamento

Joana Escoval, *O pH das lágrimas / The pH of tears*, 2026



Mauro Cerqueira, *Muitas línguas / Many Tongues*, 2025–2026



Catarina Miranda, *PISSAÇO SOL / BIRD SUN*, 2026



Sara Graça, *Kiki* (Middleton Maddocks), 2026



Mariya Nesvyetaylo, *Observatório / Observatory, Paladino<sup>7</sup> / Paladin<sup>7</sup>* 2026

**14.03 — 14.06.2026**

# **Commissions #1**

Curated by **João Laia** and **João Terras**

**Mauro Cerqueira**  
**Joana Escoval**  
**Sara Graça**  
**Catarina Miranda**  
**Mariya Nesvyetaylo**

**Commissions** is a new initiative by Galeria Municipal do Porto dedicated to supporting the creation of original, previously unseen works. In this inaugural edition, five artists are brought together — **Mauro Cerqueira, Joana Escoval, Sara Graça, Catarina Miranda, and Mariya Nesvyetaylo**. These new works emerge from places of desire and from renewed experimentation within each artist's practice. Catarina Miranda, a figure closely associated with contemporary dance, brings choreographic movement into the gallery space, presenting an installation that resonates with the universe of her stage creations. Mauro Cerqueira returns to drawing, exhibiting a series connected to his new film project. Sara Graça ventures for the first time into the production of a film developed in collaboration with a community of artists. Joana Escoval unveils a sonic and visual landscape derived from a book-object. Mariya Nesvyetaylo constructs a multisensory environment designed for collective observation and introspection. Bringing together different generations, languages, and contexts, **Commissions** offers a selective perspective on the diverse forms that shape artistic creation and contribute to the contemporary art scene in Portugal.

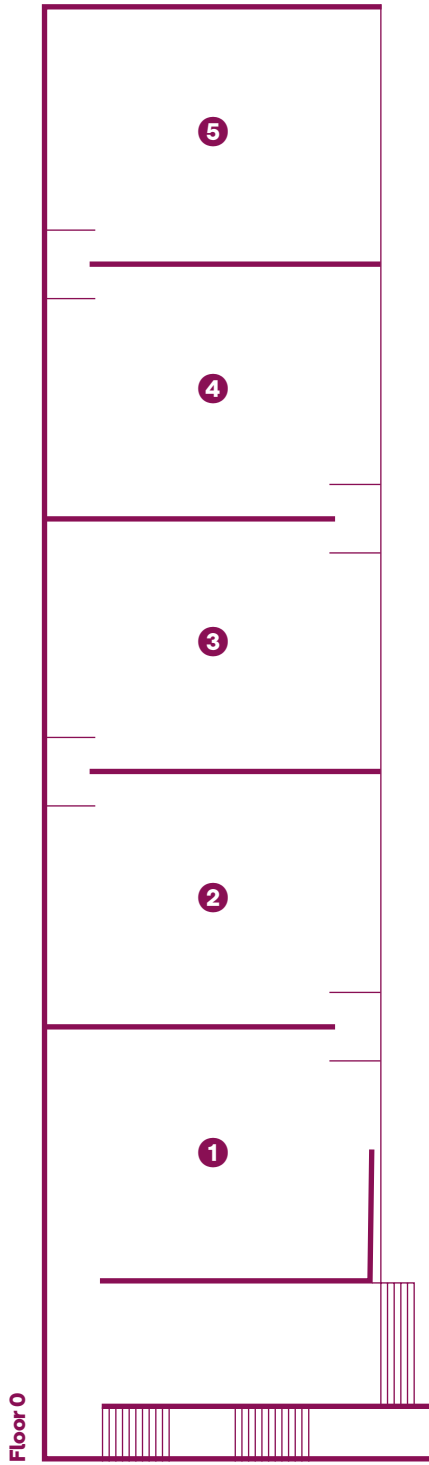
**Commissions** is a sequel to the project *Panorama of Portuguese Contemporary Art*, which was presented at Galeria Municipal do Porto in 2025. These complementary initiatives arose from a desire to listen closely to communities across the artistic landscape, offering distinct glimpses, in alternating years, of contemporary production emerging from Portugal. While *Panorama* took the form of a group exhibition as a fragment of a broader dialogue between artists and curators, *Commissions* opens a new field of inquiry centred on creation itself. Where *Panorama* maps, *Commissions* reveals, underscoring the role of experimentation and unpredictability within both artistic and institutional practice.

The artists in this first edition are active within and beyond Portugal. Their work reflects the multiplicity of contemporary artistic production internationally, which resists easy definitions and takes a porous approach to genre. The artists practices range across stage and performance, cinema and the moving image, music and sound, as well as the written word and drawing.

Catarina Miranda unveils a hybrid space between scenography and gallery-based installation, one that operates in counterpoint to the ephemerality or absence of dance, the movements of which are here evoked through objects, sounds, and images. Mauro Cerqueira presents a series of drawings produced in an in-between moment, suspended between drafting and materializing his new moving image project. Sara Graça invites a community of artists to collaborate in the making of her first film, fragmenting the authorial power of the work. Joana Escoval presents a book, written by the artist but never published, placing the force of poetic language at the centre of an installation choreographed by an absent body. And Mariya Nesvyetaylo constructs a large-scale observatory designed for collective introspection immersed by the artist's imaginary.

With surgical precision, the exhibition's layout divides the gallery into five autonomous rooms. By atomising each project, this architecture unsettles the group logic of the show. Room after room, visitors are invited to wander through distinct universes, moving between different contexts and imaginaries.

João Laia and João Terras



**1**  
**Catarina Miranda,**  
**BIRD SUN**  
 2026

**2**  
**Mauro Cerqueira**  
**Many tongues**  
 2025–2026

**3**  
**Sara Graça**  
**Kiki**  
 2026

**4**  
**Joana Escoval**  
**The pH of tears**  
 2026

**5**  
**Mariya Nesvyetaylo**  
**Observatory**  
 2026

1

## Catarina Miranda

With *BIAD SUN*, Catarina Miranda extends her ongoing research while shifting from live, on-stage dance to an installation. Drawing on Plato's Allegory of the Cave, this new work examines how dynamics of perception, deception, and transmission shape contemporary human experience.

Conceived as a simulacrum, the installation takes the form of a fictional environment of shapes and shadows, where one can experience an interior space while simultaneously observing the outer summit of a mountain-labyrinth.

Through the manipulation of the senses, the artist questions the boundaries between the real and the imaginary, inviting reflection on how reality is constructed on both individual and collective levels. This playful dimension emerges from the combination of technical and scenographic artifices: the layering of shadows, the distortion of colour, the spatialisation of birdsong, and images of moving bodies that appear to dance across surfaces. Among other references, the work nods to Oscar Méténier's theatre of horror, Samuel Beckett's theatre of the absurd, Pina Bausch's iconic choreography, and the dancing figures in Henri Matisse's *La Danse*. *BIAD SUN* forms a continuation of Miranda's ongoing imaginary, one consolidated through recent stage works *ATSUMORI* (2025) e *FARSA* (2026).

## BIAD SUN

2026

Installation composed of coloured fibreglass surfaces, video and light projections, multichannel sound  
Variable dimensions

### Collaborations, teams and technical support

Architecture and Landscape

Designers:

Colectivo Febre  
— André Pipa,  
Gui Silvestre,  
Noah Leijssen

Creative Support:

João Brojo,  
Jonathan Saldanha

Sound Design:

Jonathan Saldanha

Sound Spatialisation:

José Arantes

Lighting:

Catarina Miranda,  
João Brojo,  
João Ferreira

Camera:

João Brojo

Video Editing:

Catarina Miranda

Executive Production:

João Brojo

Administrative Production:

Teresa Camarinha/RÁRA

Courtesy of filmed footage:

Calau Rinoceronte — Museu das  
Convergências/Távora Sequeira  
Pinto Collection

Courtesy:

Artist

②

**Mauro Cerqueira**

*Many Tongues* is a series of drawings produced between New York and Porto during the preparation of the artist's forthcoming film, developed around the imaginative universe of the German filmmaker Rainer Werner Fassbinder. Following the artist's earlier *Sono Pasolini*, which was centred on the Italian director Pier Paolo Pasolini, the film dedicated to Fassbinder concludes a trilogy that began with *The Sweat of the Desert*, based on the life of French poet Jean Genet.

Fassbinder, Pasolini, and Genet share numerous affinities: the ways in which they confronted society in the traumatic convalescence of the post-war period, each from their own geography and through their distinct perspectives on class, sexuality, ethnicity, culture, and religion. In the wake of these figures, Mauro Cerqueira pursues possibilities for hope while documenting and reflecting on the present. Positioned as images between films, the drawings propose a constellation of narratives that describe multiple worlds.

By returning to drawing, Cerqueira revisits a seminal medium within his practice. The line seems to follow the speed of thought, functioning as mark, encounter, and repository of different imaginaries and temporalities. The drawings point towards a film yet to come, while existing as autonomous objects in which the characters of Fassbinder, the places of Pasolini, and the words of Genet coexist, interwoven with recurring signs from the artist's own universe: hands, tears, and the knife.

**Many tongues**

2025–2026

Ink drawings on paper

41 × 48 cm cada

Courtesy:

Artist and Nuno Centeno Gallery

Sara Graça's work is intrinsically tied to the relationships she cultivates in her daily life and with the people around her. It unfolds within an extended community of figures from diverse fields — from the visual arts to music — often linked to alternative cultural contexts. Moving across photography, video, sculpture, and drawing, Graça's works emerge as revelations that are at once biographical and speculative.

*Kiki*, her first film, emerged from this blend of qualities. The film, which centres on its eponymous protagonist, comprises a single work composed of twelve parts created by six invited artists: Aysha Leach, Chloée Maugile, Claudia Lancaster, Ivan Robirosa, Jack Fanciulli, and Middleton Maddocks. Each produced two segments between three and seven minutes long, following a script containing instructions for developing a narrative around *Kiki*. This structure allows all parts to be assembled into a single film.

Alongside *Kiki* another character, Angel, traverses the entire work. Without a defined gender or pronouns, *Kiki* and Angel are guided by specific traits. While *Kiki* delights in contemplating things she finds beautiful, Angel lives with an unrequited passion. With *Kiki* — a film made by many hands and according to a structure by which individual control is intentionally diluted in favour of a shared construction — Sara Graça in a position of deliberate constraint.

## **Kiki** 2026

Digital video, stereo sound, 65'

Directed and written by:

Sara Graça, Aysha Leach,  
Chloée Maugile, Claudia Lancaster,  
Ivan Robirosa, Jack Fanciulli,  
Middleton Maddocks

Camera:

Claudia Lancaster, Ivan Robirosa,  
Middleton Maddocks, Aysha  
Leach, Seamus O'Carroll, Cian Ó  
Donnchadha, Chloée Maugile

Editing:

Laura Gama Martins, Ivan Robirosa,  
Middleton Maddocks, Aysha Leach,  
Cian Ó Donnchadha, Jack Fanciulli,  
Chloée Maugile, Sara Graça

Sound design:

Stanlisnav Iordanov

## **Cast**

**Kiki:**

João Dória, Grace Black, Saul Smith,  
Matt Voor, Farah Corrigan, Ly Hagan,  
Abella D'adamo, Gretchen Lawrence

**Angel:**

Lydia Östberg Diakité, Ivan Robirosa,  
Emily Mackenzie, Micaela Koenig  
Drouet, Jessica Panchi-Pacheco,  
Liam Gorman, Nanaia Maloney

**Angel's crush:**

Maria Quintas, Kitty Tucker

**Person being kissed by Kiki:**

Claudia Lancaster

**Lovers at the coffee shop:**

Maria Reis, Tomé Silva

**Lovers on the street:**

Renato Chorão, Ricardo Branco

**Kiki's Lover:**

Sandro Silva

**Jonas:**

Jack Case

**Eff:**

Seán Being

**Louise:**

Aimée Hornby

Photographer:  
     Chunika Kesh  
 Kiki's friend:  
     Edith Liben  
 Toby (dog owner):  
     Toby Mott  
 Peter (dog):  
     Gracie Fleishman  
 Caveh (at the restaurant):  
     Caveh Zahedi  
 Server at the restaurant:  
     Sammy  
 Restaurant Singer:  
     Dani Luv  
 Couple playing chess:  
     Dawi Moxon, Lydia Mckimm  
 Pair of piano players:  
     Freddy Gilmore & Connie Solari  
 Ice skater 1:  
     Ella Soni  
 Ice skater 2:  
     Dash Cummins  
 Busker:  
     Jack Fanciulli  
 Car driver:  
     Colm O'Rourke, Chelsea Young

## Music credits

Jump over Barrels:  
     Crash Course in Science  
 (Cover) My way:  
     Frank Sinatra  
 Layne:  
     Rabu Mazda  
 Where you are:  
     Jack Fanciulli  
 Reach The Stars:  
     Jack Fanciulli  
 (Cover) Die Young:  
     Kesha  
 Misery Train:  
     Suicide  
 Diamonds, Fur Coat, Champagne:  
     Suicide  
 (Cover in german) Yesterday:  
     The Beatles  
 Sweetdreams:  
     Miss Kitten & The Hacker  
 Field recordings around New York City:  
     Chloée Maugile  
 More:  
     Tiberius B  
  
 Courtesy:  
     Artist

*The pH of tears* is the title of an unpublished book written by Joana Escoval during a period in which writing was the only form of creation available to her. Composed of a series of poems the artist calls “episodes,” the text moves through memories, narrates external and internal worlds, and claims spaces of dream and desire. There is a diaristic quality to this writing yet, in a break with the conventional function of marking time, it adopts the form as a speculative field for imagining an exterior or distant reality. Although it could be paginated, the book does not exist as a single object. Within the installation, the action of the air seems to intervene, dispersing the pages throughout the space.

Time becomes a determining factor, and the minimalist space created by the installation makes the viewer feel as if they are in an apparent void filled with sound waves: the heartbeat of a horse (among the largest hearts found in terrestrial mammals) here sets a temporal rhythm unfamiliar to humans.

In *The pH of tears*, Escoval experiments with a new language, finding possibilities for speculation and cosmic temporality in poetry, which she usually explores through the sculptural and psychological properties of sound. Here, Escoval stages an environment in which different materialities, visible and invisible, produce subtle ruptures in the perception of reality.

Installation comprising text, UV printing, lacquered metal and field recording of a horse’s heartbeat; monaural sound system

Variable dimensions

Courtesy:  
Artist

6

**Mariya Nesvyetaylo**

Mariya Nesvyetaylo's immersive installation stems from her desire to transform the exhibition space into a site of collective contemplation. The exterior of this *Observatory* is constructed using fabric from a hot air balloon, invoking the symbolism of a mode of transport long associated with new perspectives and observation.

Within the structure, the artist creates a carefully designed space for introspection, inviting us to dwell within her visual imaginary. Visitors are greeted by a triptych of tapestries in which a central landscape is flanked by two images of horses. A resting sculpture, *The Nest*, vibrates with a soundscape linking sound and image through an expanded sensory experience. The choice of tapestry is itself significant. Historically associated with domestic contexts and cultural transmission, the medium brings painting closer to a functional and collective dimension in which image and everyday life intertwine.

By challenging conventional codes of interaction between artwork and viewer, *Observatory* questions the norms of exhibition spaces. Conceived through a communal process – a defining aspect of Nesvyetaylo's wider practice – the installation emerges from the sharing of gestures, knowledge, and temporalities, reinforcing the relational dimension that runs through her work. From this impulse to resist pre-established logics, Nesvyetaylo creates a welcoming, sheltered architecture in which deceleration, introspection, and other collective ways of being in the world can be experienced.

**Observatory**

2026

**Dome**

Multimedia installation  
Hot air balloon, iron pyramid, carpet  
7.5 × 15 × 10 m (approx.)

**Paladin<sup>6</sup>**

Tufted tapestry  
Merino wool, acrylic wool,  
cotton canvas  
167 × 210 cm

**The Centre**

Tufted tapestry  
Merino wool, acrylic wool,  
cotton canvas  
245 × 180 cm

**Paladin<sup>7</sup>**

Tufted tapestry  
Merino wool, acrylic wool,  
cotton canvas  
166 × 210 cm

**Nest**

Sofa-type furniture equipped  
with surface exciter  
250 × 230 × 85 cm

**Citrinitas**

Soundtrack,  
loop, 60' (approx.)

**Music production:**

Henrique Apolinário  
Technical design and construction  
of structures (pyramid and nest):

Colectivo Febre

**Assistant:**

Nico Bracci

**3D planning:**

João Parra

**Courtesy:**

Artist

### **Catarina Miranda**

Catarina Miranda is an artist and choreographer. Her work emerges from fictional narratives and expanded materialities, where dance, voice, scenography and light converge to explore the body as a vehicle for hypnotic transformation and sensory presence. Her practice spans the performing and visual arts, creating systems that operate at the intersection of image, vibration and narrative. Highlights of her career include the dance pieces *Atsumori*, *Cabraçimera* and *Dream is the Dreamer*, as well as the installations *Poromechanics* and *Mountain Mouth*. These have been presented at institutions such as the Centre Pompidou (Paris), Palais de Tokyo (Paris), Calouste Gulbenkian Foundation (Lisbon), Serralves Foundation (Porto), Teatro Municipal do Porto — Rivoli, Dance Box (Kobe, Japan), and at festivals including DDD – Dias da Dança, Pays de Danses (Liège, Belgium), Short Theatre (Rome), Africologne (Cologne), Mindelact (Mindelo, Cape Verde), Festival Walk&Talk (Azores) and Fabrik Festival (Fall River, USA).

---

### **Mauro Cerqueira**

Mauro Cerqueira is an artist who graduated in Fine Arts (Drawing) from Escola Superior Artística do Porto, Guimarães extension. His artistic practice is produced within a constellation of relationships based on the work of other artists, both referential and collaborative. Drawing on multiple forms and formats, including drawing, sculpture, painting and video, his work focuses on parallel and marginal stories, mythical events, rumours and speculation as alternative vehicles for relating to the present. His work has been exhibited at Galeria Nuno Centeno (Porto), Institute for New Connotative Action (Seattle), Serralves Museum of Contemporary Art (Porto), Künstlerhaus Bethanien (Berlin), Kunsthalle Lissabon (Lisbon), Kunsthalle Friart Fribourg (Switzerland), La Galerie — Centre d'Art Contemporain de Noisy-Le-Sec (Paris), Galeria Heinrich Ehrhardt (Madrid), among others. In 2008, he founded the project *Uma Certa Falta de Coerência* (A Certain Lack of Coherence) with André Sousa.

---

### **Sara Graça**

Sara Graça is an interdisciplinary artist interested in states of vulnerability and curiosity. She studied Fine Arts at the Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto and is currently completing an MA in Fine Art at Goldsmiths, University of London. Her work has been presented in spaces like Mala (Lisbon), Sismógrafo (Porto), *Uma Certa Falta de Coerência* (Porto), Casa de São Roque (Porto), Galeria Solar (Vila do Conde), Quadrum (Lisboa), Culturgest (Lisbon) among others, and she is part of the visual-musical performance group *Toda Matéria* with Maria Reis and Joana da Conceição.

---

### Joana Escoval

Joana Escoval is an artist and studied painting at the Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa and at the Accademia di Belle Arti di Firenze in Italy. Her multidisciplinary artistic practice focuses on the visual and aural, taking the form of sculpture, installation, performance promenade, video, painting and publications. The fluidity of elements and materials, which carry the charges and vibrations of primary and transient states of matter, lies at the heart of her research. This is not only an expansion of environmental aspects, but also an energetic system of vital and physical bodies. By exploring sound as a carrier, her work invites reflection on connections with invisible energy fields within the context of new social practices. Since 2010, she has regularly exhibited in group and solo shows, presenting her work at institutions such as the Berardo Collection Museum (Lisbon), CIAJG (Guimarães), Galeria Municipal do Porto, La Casa Encendida (Madrid), La Criée Centre d'Art Contemporain (Rennes), Kunsthalle Lissabon (Lisbon) and Kunsthalle Tropical (Iceland).

---

### Mariya Nesvyetaylo

Mariya Nesvyetaylo is an artist and studied Painting from Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto and completed part of her studies at Sheffield Hallam University, UK. In the following years, she organized cross-disciplinary events with the FENDA collective and engaged actively in Porto's underground cultural circuits as an artist, performer, and musician. Her practice spans visual media like painting, video and printmaking, as well as sound-based work developed through projects such as Indri, Em Xame, and Chupacabras. In recent years, she has expanded her practice into the tactile dimension of textile through her project Albarda Besta, working with tapestry and sewing. Currently living in the North of Portugal, she is a founding member of the cultural collective Acendalha (2020) and the founder of the record label and artistic workspace MURZ (2025).

---



**Public programme**

14.03.2026 — 5 p.m.

**Opening**

15.03.2026 — 4 p.m.

**Guided tour**

with artists and curators

**Guided tours**

04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026

15:00 (PT), 16:00 (EN)

Sessions for schools and organised groups  
by appointment

**14.03 — 28.06.2026**

**Colapso**

Curadoria **João Laia**

**Silvestre  
Pestana**

Com uma prática artística que atravessa a performance, o vídeo, a fotografia e o digital, Silvestre Pestana constrói uma obra onde a poesia se expande para além da palavra. O corpo como linguagem, a imagem em movimento e os primeiros computadores tornam-se territórios de investigação, onde arte e tecnologia se cruzam tanto como campo formal quanto como espaço de reflexão crítica sobre as transformações sociais provocadas pelo progresso técnico.

Em **Colapso**, o artista apresenta uma instalação pensada para o espaço da Galeria Municipal do Porto que coreografa luz, arquitetura e linguagem. Regressando ao LED enquanto dispositivo emissor e signo cultural, explora a sua aparente obsolescência como metáfora de ruína e excesso tecnológico. A obra evoca a paisagem urbana através de símbolos visuais e textuais, reunindo ecos de trabalhos anteriores e ensaios de novas possibilidades poéticas. Entre invenção e crítica, Pestana reafirma a poesia experimental como ferramenta para interrogar o presente e a nossa relação com a promessa e o desgaste da tecnologia.



Silvestre Pestana é um artista incontornável da arte contemporânea portuguesa e figura pioneira da poesia visual, da performance, da videoarte e da arte eletrónica e digital. Desenvolve uma prática exploratória desde meados dos anos 1960, participando do grupo de poetas experimentais (PO.EX) durante essa década. Vive em Londres, Paris e Estocolmo, regressando a Portugal no período revolucionário de 1974. A sua gramática artística experimenta o corpo como linguagem poética e performativa, para mais tarde explorar a imagem em movimento com uma série de vídeo-poemas desenvolvidos a partir de experiências com as primeiras gerações de computadores. As relações entre arte e tecnologia são estruturantes para a prática de Pestana e centram-se num entendimento da palavra e do texto, como formas análogas ao código informático: compostas por elementos modelares e permutáveis.

Esta exposição apresenta um novo trabalho de grande escala no qual o artista expande a sua análise rigorosa sobre o impacto da tecnologia na nossa sociedade. Intitulada **Colapso**, a instalação é o seu poema mais ambicioso, ocupando todo o andar superior da Galeria Municipal do Porto. Depois de experimentar suportes como o vídeo, o néon e plataformas digitais como o *Second Life*, a fase mais recente do seu trabalho encontra no ecrã *LED* uma ferramenta privilegiada. Habitualmente associado a tecnologia de ponta, na realidade o *LED* apresenta uma grande diversidade de formatos. Preterindo os objetos-imagens de alta-definição, que progressivamente marcam as nossas cidades, Pestana escolhe um modelo simplificado, que se encontra com regularidade em montras de espaços como lojas de conveniência ou cafés.

Com esta escolha o artista associa-se a uma linguagem vernacular pop, participando num exercício de apropriação e recontextualização frequente no campo da arte. A estrutura modular dos ecrãs-poemas bem como a coreografia animada do espaço assinalam, ao mesmo tempo, um excesso de informação e o estado provisório dessa comunicação. Ao contrário de obras anteriores, onde a narrativa é pré-determinada, aqui a multiplicação e fragmentação da informação aporta uma ativação de quem lê, que se torna responsável pela organização do texto e, assim, pela definição do seu sentido. Desta forma, enquanto o título da instalação qualifica o momento contemporâneo como um período marcado por clivagens e sentimentos de ansiedade em relação ao futuro, **Colapso** constitui-se também como um momento paradoxalmente otimista de libertação, indicando as diferentes configurações à nossa disposição e, por isso, as múltiplas possibilidades do que há por vir.

Durante o contexto ditatorial que marcou o início da sua carreira, Pestana utilizou a poesia como espaço de crítica e liberdade, um exercício que desenvolveu ao longo de décadas utilizando as novas possibilidades facultadas pela tecnologia para expandir essa participação no dia-a-dia da sociedade. Desta forma, o **Colapso** do título é menos uma indicação passiva do período nefasto que habitamos do que (mais) uma provocação do artista. Aqui, de uma forma lúdica, Pestana oferece-nos uma solução para nos defrontarmos com o real, sugerindo uma capacitação crítica e poética de todas as pessoas face aos trânsitos de cacofonia que pretendem bloquear o espaço público.

João Laia

### **Silvestre Pestana**

Silvestre Pestana (1949, Funchal) é um artista transdisciplinar. Tendo iniciado a sua prática nos anos 1960 como poeta visual, logo se afirmou como performer, pioneiro da videoarte e artista do ciberespaço. Pacifista convicto, dedicou largos anos ao ensino artístico público.

---



SEMENTE

FIO

AREIA



OLHAR



SOL



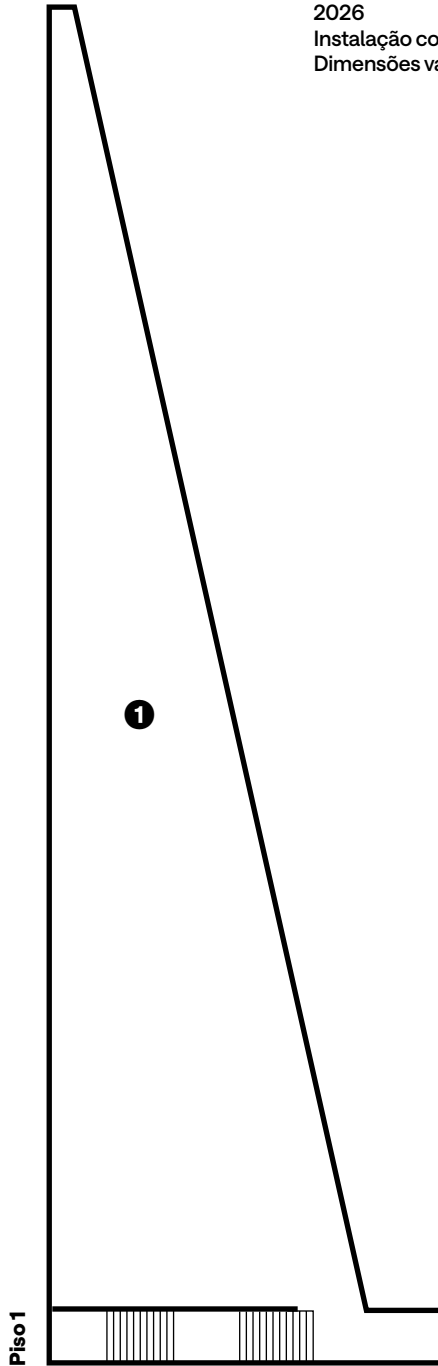
20r



f u r a c



**1**  
**Colapso**  
2026  
Instalação com painéis LED  
Dimensões variáveis



**Programa público**

14.03.2026 — 17:00

**Inauguração**

14.03.2026 — 17:00 — 20:00

**Performance**

a partir da obra *Acto Atómico* (1969)

28.03.2026 — 16:00

**Visita guiada à exposição**

com Silvestre Pestana

02.04.2026 — 10:00 — 18:00

**Projeção**

*Vídeo Performances e Computer Poems*  
de Silvestre Pestana

**Visitas Guiadas**

04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026

15:00 (PT), 16:00 (EN)

Sessões para escolas mediante agendamento

**14.03 — 28.06.2026**

**Collapse**

Curated by **João Laia**

**Silvestre  
Pestana**

With an artistic practice that spans performance, video, photography, and the digital, Silvestre Pestana constructs a body of work in which poetry expands beyond the word. The body as language, the moving image, and early computers become territories of investigation where art and technology intersect both as formal fields and as spaces for critical reflection on the social transformations brought about by technical progress.

In **Collapse**, the artist presents an installation conceived for the space of Galeria Municipal do Porto that choreographs light, architecture, and language. Returning to the LED as an emitting device and cultural sign, he explores its apparent obsolescence as a metaphor for ruin and technological excess. The work evokes the urban landscape through visual and textual symbols, gathering echoes of earlier pieces and rehearsing new poetic possibilities. Between invention and critique, Pestana reaffirms experimental poetry as a tool for interrogating the present and our relationship with the promise and the erosion of technology.



A  
M  
A  
R  
G  
O

FIO

A  
R  
E  
I  
A

OLHAR



Silvestre Pestana is a seminal figure in Portuguese contemporary art and a pioneer of visual poetry and performance, alongside video art, electronic, and digital art. He has developed an exploratory practice since the mid-1960s, the decade in which he participated in PO.EX, a group of experimental poets. Having lived in London, Paris, and Stockholm, he returned to Portugal during the revolutionary period of 1974. During this time, his artistic grammar experimented with the body as a poetic and performative language, later expanding into moving image through a series of video-poems developed from early experiences with the first generations of computers.

The relation of art to technology is foundational to Pestana's practice, which centres on an understanding of the word and the text as forms analogous to computer code: composed of modular and permutable elements. This exhibition presents a new large-scale work in which the artist expands his rigorous analysis of the impact of technology on our society. Titled *Collapse*, the installation is his most ambitious poem to date, occupying the entire upper floor of Galeria Municipal do Porto. Having previously experimented with media such as video, neon, and digital platforms like *Second Life*, the most recent phase of his work finds in the LED screen a privileged tool. Commonly associated with cutting-edge technology, LED screens in fact encompass a wide diversity of formats. Eschewing the high-definition image-objects that increasingly populate our cities, Pestana chooses a simplified model commonly found in the windows of convenience stores or cafés. Through this choice, the artist aligns himself with a vernacular visual language: an act of pop appropriation and recontextualization common to contemporary art.

The modular structure of the screen-poems, as well as the animated choreography of the space, signal both an excess of information and the provisional nature of its communication. Unlike earlier works, in which the narrative was predetermined, the multiplication and fragmentation of information here demand active engagement by the reader, who becomes responsible for organising the text and thus defining its meaning. In this way, while the installation's title characterises the contemporary moment as one marked by fracture and anxiety regarding the future, *Collapse* also, and paradoxically, constitutes a optimistic moment of liberation, indicating the different configurations available to us and, therefore, the multiple possibilities of what is yet to come.

During the dictatorial context that marked the beginning of his career, Pestana saw poetry as a space of critique and freedom, an exercise he developed over decades by using the new possibilities afforded by technology to expand this participation in the everyday life of society. Thus, the *Collapse* of the title is less a passive indication of the ominous period we inhabit than (another) provocation by the artist. Here Pestana offers us a way to confront the real in a playful manner, thereby suggesting a form of critical and poetic empowerment available to everyone in the face of the transits of cacophony that seek to obstruct the public sphere.

João Laia

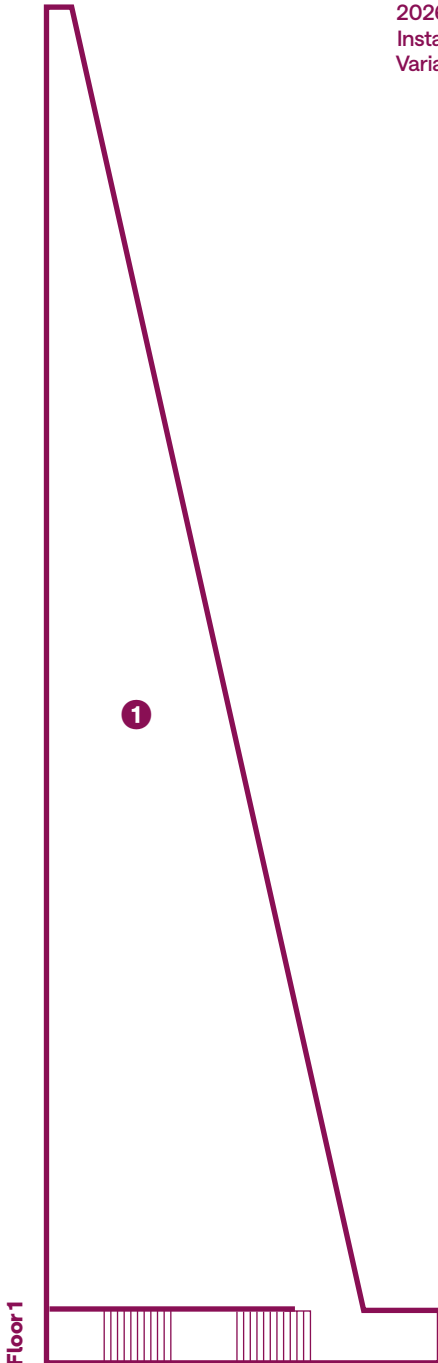
1

## Collapse

2026

Installation with LED panels

Variable dimensions



### Silvestre Pestana

Silvestre Pestana (1949, Funchal) is a transdisciplinary artist. He began his artistic practice in the 1960s as a visual poet, but soon established himself as a performer, a pioneer of video art and recently as a cyberspace artist. A staunch anti-war activist, he dedicated many years to public art education.

---

**Public programme**

14.03.2026 — 17:00

**Opening**

14.03.2026 — 17:00 — 20:00

**Performance**

based on the piece *Atomic Act* (1969)

28.03.2026 — 16:00

**Guided exhibition tour**

with Silvestre Pestana

02.04.2026 - 10:00 – 18:00

**Screening**

*Video Performances and Computer Poems*

by Silvestre Pestana

**Guided tours**

04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026

15:00 (PT), 16:00 (EN)

Sessions for schools and organised groups  
by appointment

**Pele do Mar**  
Sea Skin

**Eunice Pais**

**Curadoria**  
Curated by  
Patrícia Coelho

**Agradecimentos da artista**  
Acknowledgements from  
the artist

Zita Pais  
Juliana Alves  
Bruno Lamas  
Irina Pereira  
Daniel Oliveira  
Eduarda Alfândiga  
Siviwe James  
Camila Maissune  
Pedro Petiz  
Augusto Moreira  
Fundicastro  
Isaias Fernando  
Álvaro Campelo  
PADA  
Seaghosts

**Comissões#1**  
Commissions#1

**Mauro Cerqueira,  
Joana Escoval,  
Sara Graça,  
Catarina Miranda,  
Mariya Nesvyetaylo**

**Curadoria**  
Curated by  
João Laia  
e/and  
João Terras

**Agradecimentos**  
Acknowledgements

**De / From Catarina Miranda:**  
CACE – Central Eléctrica,  
Teatro Municipal do Porto,  
SOOPA, Miguel Silva, Dr. Álvaro  
Sequeira Pinto

**De / From Mauro Cerqueira:**  
À família e amigos  
/ To family and friends

**De / From Sara Graça:**  
Café “A Graça”, Goswell Road,  
RTA Projects, Sammy’s  
Roumanian Steak House,  
Wendy Fleishman Attorney,  
Eliz Digital, Riley Beau Richards,  
Alex Heard, Elisa Daguin,  
Ralf Georgeson, Niamh Seaber,  
Maya Ramnarine, Bruno Bridger,  
Angel Ruane Moore,  
Tierce Cheshire

**De / From Joana Escoval:**  
Ana Rovisco, Talismã, Miguel  
Constantino, Oscar, Elisa Pône,  
Gonçalo Sena, Nuno da Luz,  
Isabel Sobral Campos, João  
Escoval, Chuva, Joël Vacheron.

**De / From Mariya Nesvyetaylo:**  
Henrique Apolinário, Nico  
Bracci, Gui Silvestre, Maria  
Carvalho, Carolina Garfo,  
Mickey McConnell, Nutró,  
Carles Mas i Mas, Xavier F.  
Cebolas, Rita Nabais, Alexandra  
Vieira, Rui Apolinário, Colectivo  
Febre pelo carinho e ajuda / for  
their kindness and assistance.  
ReCraft Barcelona, Lovers &  
Lollypops, Favela Discos,  
Tintex Textiles pelo apoio / for  
the support.

**Colapso**  
Collapse

**Silvestre Pestana**

**Curadoria**  
Curated by  
João Laia

**Intérpretes Acto Atómico**  
Performers *Atomic Act*  
Teresa Fonseca e Costa  
João Geraldo

**Agradecimentos do artista**  
Acknowledgements from  
the artist

Celeste Cerqueira  
Manuela Matos Monteiro  
João Lafuente  
MIRA Galerias  
ANACOM

**GALERIA MUNICIPAL  
DO PORTO**

**Direção Artística**

Artistic Direction  
João Laia

**Direção Executiva**

Executive Direction  
Sílvia Fernandes

**Coordenação de Programação  
e Curadoria**

Head of Programmes and Curator  
João Terras

**Coordenação de Produção**

Production Coordinator  
Patrícia Vaz

**Comunicação**

Communication  
Tiago Dias dos Santos (Coord.)  
Diana Reis  
Hernâni Baptista

**Coordenação Técnica**

Technical Coordinator  
Paulo Coelho

**Programas Públicos**

Public Programmes  
Pedro Galante

**Frente de Casa  
e Relações Públicas**

Front of House  
and Public Relations  
Rui Braga

**Curadoras Assistentes**

Assistant Curators  
Isabeli Santiago  
Patrícia Coelho

**Assistência à Produção**

Production Assistant  
Clara Saracho

**Instalação e Apoio à Montagem**

Installation and Setup Support  
Carlos Lopes  
Miguel Loureiro

**Assistência de sala**

Room Assistance  
João Ramos  
Larissa Vallim  
Mariana Natário

**Assistência Administrativa**

Administrative Assistance  
Juliana Campos

**Design e Identidade Visual**

Design and Visual Identity  
Oscar Maia

**DIREÇÃO DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA  
CONTEMPORARY  
ART DIRECTION**

**Carlos Lopes (Téc. de instalação  
/ Installation tec. GMP) Clara**

**Saracho (Ass. de Produção /  
Production Ass. GMP) Cláudia**

**Almeida (Ass. de Direção /  
Direction Ass.) Diana dos Reis  
(Comunicação / Communication)**

**Diana Geiroto (Gestora de Proj.  
/ Proj. Manager Pláka/Fonoteca)**

**Hernâni Baptista (Comunicação  
/ Communication) Isabeli**

**Santiago (Curadora Assistente  
/ Curatorial Ass. GMP) João**

**Laia (Diretor Artístico / Artistic  
Director) João Ramos**

**(Ass. de Sala / Room Ass. GMP)  
João Terras (Coord. de**

**Programação e Curadoria  
/ Head of Programmes and**

**Curator) Juliana Campos (Ass.  
Administrativa / Administrative**

**Ass. GMP) Larissa Vallim (Ass.  
de Sala / Room Ass. GMP),**

**Mariana Natário (Ass. de Sala /  
Room Ass. GMP) Miguel Loureiro**

**(Téc. Multidisciplinar GMP /  
Multidisciplinary Tech. GMP)**

**Nuno Rodrigues (Coord. de Prog.  
/ Progr. Coord. Pláka/Fonoteca)**

**Patrícia Coelho (Curadora  
Assistente / Curatorial Ass. GMP)**

**Patrícia Vaz (Coord. de Produção  
/ Production Coord. GMP)**

**Paulo Coelho (Coord. Técnico  
/ Technical Coord. GMP) Pedro**

**Galante (Proj. Educativo /  
Learning Programme GMP)**

**Rui Braga (Frente de Casa e  
Relações Públicas / Front of**

**House and Public Relations GMP)**

**Sílvia Fernandes (Diretora  
Executiva / Executive Director)**

**Tiago Dias dos Santos (Coord.  
de Comunicação e Ed. /**

**Communication and Ed. Coord.)  
Vitor Rodrigues (Produtor**

**Executivo / Executive Prod.  
Pláka/Fonoteca) Yoan Teixeira**

**(Ass. de Direção Executiva /  
Executive Dir. Ass.)**

**CÂMARA MUNICIPAL  
DO PORTO**

**Presidente**

Mayor  
Pedro Duarte

**ÁGORA — CULTURA E  
DESPORTO DO PORTO,  
E.M., S.A.**

**Presidente do Conselho**

**de Administração**  
Chairman of Board  
of Directors  
Rodrigo Teodoro Passos

**Vice-Presidente do Conselho**

**de Administração**  
Vice-Chairman of  
the Board of Directors  
César Vasconcellos Navio

**Vogal Executiva**

Executive Member  
Joana Meneses Fernandes

**Secretariado da**

**Administração**  
Secretariat  
Liliana Santos

**DPO**

Filipa Faria

**Diretora de Gestão**

**de Pessoas, Organização  
e Sistemas de Informação**  
Director of People  
Management, Organisation and  
Information Systems  
Sónia Cerqueira

**Diretor de Serviços**

**Jurídicos e de Contratação**  
Director of Legal Services  
and Contracting  
Sérgio Caldas

**Diretora Financeira**

Financial Director  
Rute Coutinho

**Diretor de Comunicação  
e Imagem**

Director of Communication  
and Image  
Bruno Malveira

Catarina Miranda, PASSIVO SOL / BIRD SUN, 2026



### Visitas Guiadas / Guided Tours

**04.04.2026 + 02.05.2026 + 06.06.2026 — 15:00 (PT), 16:00 (EN)**

Visitas para escolas e grupos organizados por marcação  
(terça a sexta-feira), através de email.

Visits for schools and organised groups by appointment  
(Tuesday to Friday), via email.

**Terça – Domingo** Tuesday – Sunday

**10:00 – 18:00**

**Entrada gratuita** Free admission

**Galeria Municipal do Porto**  
**Rua D. Manuel II (Jardins do Palácio de Cristal)**  
**4050-346 Porto**

**FB/IG: @galeriamunicipaldoporto**

**+351 225 073 305**

**galeriamunicipal@agoraporto.pt**

**GALERIA  
MUNICIPAL  
DO PORTO**

[www.galeriamunicipaldoporto.pt](http://www.galeriamunicipaldoporto.pt)

**Porto.**